

OS 14 FILMES EM DISPUTA PELA PIRÂMIDE DE OURO DE 2025

- * **“Exile”** de Mehdi Hmili (Tunísia)
- * **“The Things You Kill”**, de Alireza Khatami (Turquia)
- * **“Renovation”**, de Gabriele Urbonaite (Lituânia)
- * **“Souraya, Mon Amour”**, de Nicolas Khoury (Líbano)
- * **“The Silent Run”**, de Marta Bergman (Bélgica)
- * **“Zafzifa”**, de Peter Sant (Malta) | 99 min | 2025 (Marrocos)
- * **“Once Upon a Time in Gaza”**, de Tarzan & Arab Nasser (Palestina)
- * **“Death Does Not Exist”**, de Félix Dufour-Laperrière (Canadá)
- * **“Sand City”**, de Mahdee Hasan (Bangladesh)
- * **“One More Show”**, de Mai Saad & Ahmed Eldanf (Egito)
- * **“Dragonfly”**, de Paul Andrew Williams (Reino Unido)
- * **“A Son”**, de Nacho La Casa (Espanha)
- * **“As We Breathe”**, de Seyhmus Altun (Turquia)
- * **“Calle Malaga”**, de Maryam Touzani (Marrocos)



Souraya, Mon Amour



The Silent Run



Dragonfly

assim como o Cairo, abrindo-se a grandes achados sul-americanos, endossados previamente por Berlim, Cannes e Veneza. Às vésperas do carnaval, a Alemanha referendou o trabalho de Mascaro, que, dez anos atrás, venceu o Festival do Rio e ganhou o Prêmio do Júri dos Horizontes venezianos, no Lido, com “Boi Neon”. Uma ovação em forma de urro contagiou a Berlinale Palast, debaixo de dois graus do frio, ao fim da exibição de “O Último Azul” na luta pelo Urso



Calle Málaga



Death Does Not Exist



As We Breathe

de Ouro de 2025. Guadalajara, Sydney, Valladolid e Buenos Aires também exibiram o longa em seus festivais e celebraram a destreza do realizador de “Divino Amor” (2019) ao guiar a câmera por afluentes do Amazonas, driblando os clichês na representação daquela selva. “Vou da utopia para chegar à distopia”, disse Mascaro ao Correio da Manhã, no Rio Grande do Sul, quando “O Último Azul” abriu o Festival de Gramado, em agosto. “É



Calle Málaga



Sand City



Zafzifa

um ensaio fantástico com a Amazônia em toda sua contradição”. No enredo que o Festival do Cairo confere esta noite, o governo brasileiro passa a transferir idosos para uma colônia habitacional para “desfrutarem” seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, uma mulher de 77 anos (vida por Denise em colossal atuação), embarca em uma jornada para realizar seu último desejo: ter dignidade... para com ela ser livre.

“Esse projeto foi um presente. Na Amazônia, tudo o que um ator não pode fazer é atrapalhar o roteiro. Para isso, eu escuto o texto”, disse Denise, coroada no México com o prêmio Maguey por sua atuação. Além de um Urso prateado, esse river movie existencialista ganhou da Berlinale o Prêmio do Júri Ecumênico e um mimo de leitores/as do jornal germânico “Berliner Morgenpost”. Cada uma dessas vitórias atraiu holofotes para Denise, que nunca se deixou encantar pela badalação. “Aquele cenário era um palco, cheio de árvores, e eu olhava para ele reverente. Há sempre que se ter reverência pelo local em que se trabalha. Ali, a Natureza é muito potente”, explica a atriz. Liberdade é a tônica do Festival do Cairo, num embate histórico contra mordagens morais do Islã. Escolha mais acertada para a abertura de sua programação, impossível, em especial pela presença luminosa de uma estrela (também) hollywoodiana no elenco de Mascaro: o ator petropolitano Rodrigo Santoro. Consagrado com sucessos na TV (“Westworld”), nos streamings (“7 Prisioneiros”) e na telona, entre “Carandiru” (2003), “300” (2007) e o recente “O Filho de Mil Homens”, ele tem uma interpretação visceral em “O Último Azul”. Seu personagem, Cadu, é um barqueiro que corre pelos rios amazônicos com a tristeza de ter perdido uma paixão, sua companheira Deusinha. “Vejo no filme a importância de um homem tomar contato com sua fragilidade”, disse Santoro ao Correio. “A floresta é professora. Aprendi tanto. Cheguei da cidade totalmente fora da sintonia. Aos poucos, fui sintonizando com o tempo e o espaço daquele lugar. Quando percebi, já estava conectado, escutando os sons da mata nos Igarapés”. Organizado sob a direção artística do curador Mohamed Tarek, o Festival do Cairo vai encerrar suas atividades com a entrega das Pirâmides de Ouro, Prata e Bronze no dia 21, quando exibe “A Voz de Hindi Rajab”. Apesar da torcida por “O Agente Secreto”, as maiores chances de Oscar para um filme de língua não inglesa de 2026 parecem estar com esse penoso ensaio entre relato real e encenação da diretora tunisiana Kaouther Ben Hania, responsável por “As 4 Filhas de Olfa” (2023). A partir do áudio original de uma menina palestina que ficou num tiroteio na Faixa de Gaza, em janeiro de 2024, essa cineasta reconstituiu a luta de um grupo de voluntários para tentar resgatá-la. A produção ganhou o Grande Prêmio do Júri em Veneza e o Troféu Cidade de Donostia em San Sebastián. Promete agora levar o Egito a um Nilo de lágrimas.